

# Desculpas do Brasil estão ...

GAZETA MERCANTIL

10 JUN 1996

Rüdiger Dornbusch \*

fiscal faz parte de uma estratégia antiinflacionária. Não no Brasil. Em vez disso, o Brasil supervalorizou sua moeda e elevou acentuadamente suas altas taxas de juros reais. No ano passado, as taxas de juros reais foram, em média, de 50%, e os preços em dólares subiram mais de 40%, desde o início do plano de estabilização.

O custo desta política é alto: uma crise bancária e um baixo crescimento econômico. O governo está contribuindo com recursos para socorrer os bancos. Enquanto isso, grandes aumentos de salários fazem a indústria perder a competitividade. O déficit público alcançou 5% do produto interno bruto e, em um único ano, a dívida pública dobrou.

Houve um tempo em que o Brasil avançava. Nas duas décadas anteriores a 1980, o país tinha uma das mais altas taxas de crescimento da renda per capita do mundo. É verdade que a inflação sempre foi um problema, mas a indexação impedia que ela se tornasse um obstáculo ao crescimento e à estabilidade financeira. Da mesma forma que na América Latina e na Europa, a transição para a democracia tornou bem mais difícil a adoção de uma

política econômica sólida. Mas isso foi há uma década, e as desculpas estão acabando. Enquanto a renda per capita asiática dobrou nos últimos 15 anos, a do Brasil não aumentou nada.

O Brasil é um país grande, voltado para o interior. Sempre fez as coisas à sua maneira, freqüentemente com sucesso. Lições do exterior são invariavelmente desdenhadas como irrelevantes. No passado, os brasileiros podiam muito bem afirmar que a estratégia dava bons resultados. Mas este não é, manifestamente, o caso hoje. Uma década e meia perdida em crescimento de renda é um desempenho medíocre, segundo qualquer parâmetro.

Por ora, capitais externos especialmente ávidos, atraídos pelas altas taxas de juros, estão ajudando a manter o show em cena. As reservas em moeda estrangeira são elevadas e a moeda é estável. Mas alguns investidores estrangeiros estão bem menos impressionados. Estes investidores estão desconfiados de que o "milagre" está perdendo o encanto, e que logo terá de ser paga a conta pela procrastinação. Se o capital for em-

bora, haverá poucas opções. Aumentar ainda mais as taxas de juros fará cessar completamente o crescimento e provocará ainda mais falências bancárias. Não conter a moeda significará desistir do controle inflacionário.

Os formuladores políticos brasileiros, extasiados pela admiração da imprensa e do público, fazem uma leitura enganosa de sua situação. Eles subestimam a internacionalização da economia e sua dependência do capital externo. Ou o governo inicia reformas a passos largos e

audaciosos ou eles devem esperar grandes dificuldades. Não haverá exatamente uma

reprise do que ocorreu no México, mas mesmo a metade de uma experiência como aquela representará um dramático retrocesso. É difícil prever a hora da desintegração, mas isso não torna a perspectiva menos real, nem diminui a urgência da necessidade de reformas. Os mexicanos não ouviram crítica alguma até que os mercados desabaram, e o Brasil age com a mesma condescendência. O detonador das dificuldades financeiras pode vir de fora do Brasil. Uma alta nas taxas de juros globais e uma queda nos

mercados acionários mundiais será suficiente para azedar as perspectivas financeiras do país. Também é verdade que reformas agressivas podem tirar o Brasil da zona de perigo e torná-lo um país dinâmico no futuro.

O Brasil não é a única economia mal-administrada no mundo, mas é a única na qual suas elites acham que o país vai bem. Elas deveriam se preocupar com estabilização e reformas por motivos que vão muito além da estabilidade financeira. O Brasil tem uma das piores distribuições de renda do mundo, e os níveis de pobreza no norte do país são comparáveis aos dos países mais atrasados da África. O presidente Fernando Henrique tem uma responsabilidade especial. Ele é imensamente popular. Ele é um comunicador talentoso e tem um intelecto superior. Ele pode fazer com que o Brasil tome o remédio e fazê-lo tomar o caminho certo. Ou pode não fazer nada e ser outro líder que deixou de assumir a responsabilidade de fazer com que o Brasil ocupe seu lugar de direito no cenário mundial.

\* Professor de Economia e Administração do Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Publicado originalmente na Business Week.

**"Ou o governo inicia reformas a passos largos ou deve esperar grandes dificuldades"**



Rüdiger Dornbusch

Desculpas do Brasil estão

acabando

10 JUN 1996

Rüdiger Dornbusch

Será que o Brasil está caminhando novamente para uma situação difícil? Dois anos atrás, o país finalmente colocou a inflação sob controle. Na época, o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, autor da façanha, saltou para a Presidência. E assumiu o cargo sem nada fazer dali em diante. Nenhuma ação foi determinada para levar ao equilíbrio orçamentário, à privatização, à descentralização do Estado, à reforma da previdência social ou à reforma administrativa. A desculpa para isso? Essas medidas são "politicamente difíceis".

O Brasil, de acordo com um conhecido refrão, é singular entre as economias emergentes. É uma verdadeira democracia, e como se pode esperar que uma democracia tome decisões difíceis? O ditador Augusto Pinochet pôde tomá-las no Chile. Alberto Fujimori também, depois de dar um golpe no Peru. Carlos Salinas de Gortari tinha o caminho livre no sistema unipartidário e autocrático do México. Mas o Brasil é uma democracia, e as coisas simplesmente não podem ser aceleradas. E por que correr, já que a inflação está sob controle? Bem, por que a estabilidade da inflação brasileira é menos um milagre do que o governo proclama. Na maioria dos outros países, um esforço significativa de disciplina

(Cont. A-6)